

Jornalistas negras no Maranhão: os padrões estéticos impostos às mulheres dentro das redações¹

Aline Xavier²

Maria Eduarda Anchieta³

Renata Rodrigues⁴

Leila Sousa⁵

Universidade Federal do Maranhão/Imperatriz

RESUMO

Este artigo pretende abordar reflexões sobre os as pressões relacionadas aos padrões estéticos dentro do mercado de trabalho jornalístico na perspectiva de jornalistas negras no Maranhão. Parte de um projeto de pesquisa maior desenvolvido com o objetivo de identificar as disparidades de raça e gênero no mercado jornalístico do estado. O objetivo deste texto é investigar padrões de comportamento e efeitos de imposições estéticas sobre as rotinas de trabalho das jornalistas. Os dados utilizados se originam de entrevistas em profundidade, na modalidade semi-estruturada, realizadas com nove profissionais das cidades de Imperatriz e São Luís, via Google Meet, durante os meses de janeiro e maio de 2022. Os resultados apontam para a exclusão profissional, discriminação e pressão estética destinados a mulheres consideradas "fora de um padrão de beleza" que se estende sobre seus corpos, cabelos e formas de vestir.

PALAVRAS-CHAVE: Padrão Estético; Jornalistas; Maranhão; Corpo; Beleza;

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Com a pressão para manter um ideal de beleza onde a referência é o padrão europeu: pele clara, cabelos lisos e corpo magro, esquece-se que o Brasil é um país com uma enorme diversidade racial, e com isso a pressão para que as mulheres sigam esse padrão colonizador

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante do sétimo período de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. E-mail: xavier.aline@discente.ufma.br

³ Estudante do sétimo período de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. E-mail: anchieta.maria@discente.ufma.br

⁴ Estudante do sétimo período de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz. E-mail: renata.evellyn@discente.ufma.br

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da UFMA/Imperatriz. Doutora em Ciências da Comunicação – Unisinos. Vice-coordenadora do Núcleo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis. Email: sousa.leila@ufma.br

muitas vezes resulta em uma sensação de inadequação e angústia. Além de exclusão em processos de mobilidade na carreira e aquisição de maiores oportunidades no mercado.

Esta pesquisa apresenta dados de um projeto que objetiva identificar disparidades de raça e gênero no jornalismo do Maranhão. As entrevistadas, autodeclaradas negras ou pardas, em sua maioria acredita que homens dentro dos espaços de trabalho se sentem mais à vontade para fazer críticas em relação aos seus corpos, incluindo piadas sexistas. A construção social de gênero atua criando espaços confortáveis para que homens se sintam autorizados a julgar, assediar e perseguir mulheres em diversos espaços, entre eles, o mercado de trabalho.

Aparentemente os homens se sentem com algum tipo de “poder” sobre corpos femininos. Há uma cobrança, além de processos sistemáticos de exclusão e vigilância para que mulheres se aproximem da lógica considerada padrão de beleza. Quanto mais distantes das características desse padrão, mais vulneráveis as mulheres se encontram, aspecto que, segundo o que é observado nos relatos, acarreta entraves para que muitas profissionais ocupem determinados postos de trabalho e alcancem espaços de maior destaque na carreira.

2. METODOLOGIA E RESULTADOS

A metodologia da pesquisa é baseada na abordagem qualitativa, pois mesmo com os dados percentuais presentes nos questionários nos interessa identificar aspectos subjetivos das falas das entrevistadas, suas demandas, questionamentos, anseios e denúncias. Os dados mostram a disparidade entre os corpos considerados “dentro do padrão de beleza” e os que estão fora dele. É importante a menção das próprias vítimas, dessa forma pode ser visto o quanto o preconceito afeta a vida pessoal e profissional, especialmente das jornalistas de São Luís e Imperatriz, que participaram das entrevistas em profundidade realizadas na segunda fase da pesquisa.

O material coletado ao longo da pesquisa com as jornalistas foi extenso. Ao todo foram entrevistadas 9 mulheres negras, entre os meses de janeiro a maio de 2022, nas duas principais cidades do Maranhão, Imperatriz e São Luís. Entre as perguntas feitas, destacam-se os seguintes tópicos: a) questões salariais; b) organizações do mercado de trabalho; c) percepções sobre o jornalismo no Maranhão.

Durante as entrevistas é consenso entre as jornalistas que muitas delas não conseguem espaço na mídia por não serem consideradas "adequadas" ou não possuem tais ideais de beleza impostos para estarem à frente da tv, como declara uma das entrevistadas: “Tem que ser bonita dentro daquele padrão: branca, magra e cabelo liso. Então foi assim que eu parei e não procuro mais trabalhos na tv por conta disso.” (J3, Imperatriz, 2022)

Segundo levantamento realizado no estudo Perfil Racial da Imprensa Brasileira (2021), com base nas respostas de 750 jornalistas, os cargos gerenciais são ocupados majoritariamente por profissionais brancos (61,8%) em relação a negros (39,8%), que ocupam os cargos operacionais em maior proporção relativa (60,2%). O mesmo estudo afirma que mulheres estão menos presentes nas redações e possuem oportunidades reduzidas de atuação. E 6,4% concordam que o ataque à aparência com comentários sobre a roupa e cabelos é uma forma comum de perseguição (BANDEIRA, 2021).

Em diálogo com o que é apontado na pesquisa sobre o Perfil Racial da Imprensa Brasileira (2021), uma das entrevistadas da pesquisa realizada no Maranhão comenta uma experiência de constrangimento vivenciada através do comentário sobre seu peso: “A reunião era para tratar sobre um vídeo, eu era a única mulher. Meu chefe simplesmente parou o que estava conversando, virou para mim e falou: 'Ei, tenho uma coisa para te avisar' eu falei: ‘o que foi?’, ‘Tu tá engordando, hein? Toma cuidado!’” (J1, Imperatriz, 2022).

Outro ponto de reflexão diz respeito aos cabelos. As entrevistadas afirmam receberem elogios ligados aos cabelos cacheados e crespos, em especial os cacheados. Porém, são constantes os comentários incentivando procedimentos que “esticam e controlam” os cabelos, os conhecidos "alisamentos dos fios".

Eu lembro de um episódio até recente em que uma colega que é branca e loira, disse que foi ao cabeleireiro para poder fazer o alisamento dela, e a cabeleireira falou alguma coisa dizendo que a raiz dela era ruim, que ela tinha o cabelo ruim, ela me falou no automático: 'A cabeleireira disse que meu cabelo é ruim. E que esse cabelo ruim tá bem na raiz da minha cabeça e eu preciso estar o tempo todo no salão'. (J2, Imperatriz, 2022)

O depoimento evidencia que a obrigatoriedade de manter os cabelos alisados é tanta que se tornam procedimentos estéticos comuns entre essas mulheres, com manutenção corriqueira e reclamações sobre o aspecto dos cabelos e rápido crescimento de raízes cacheadas e crespas, recebendo comumente o termo “cabelo ruim”, o que explicita uma rejeição aos cabelos naturais. As construções discursivas racistas historicamente associam o cabelo crespo

como "ruim", “associado à artificialidade (esponja de Bombril) ou com elementos da natureza (ninho de passarinhos, teia de aranha enegrecida pela fuligem)” (GOMES, 2003, p. 05).

Os padrões são ainda mais rígidos para mulheres em busca de cargos em frente às câmeras em relação a cargos de bastidores. Ter que perder peso ou mudar o cabelo para aparecer em vídeos não é incomum, principalmente nos grandes veículos de comunicação: "Eu nunca me sujeitei a isso, mas já fui pedida várias vezes para emagrecer, dizendo para arrumar meu cabelo. Eu noto que é uma pressão ainda maior com a estética, cor, raça e tudo." (J3, Imperatriz, 2022).

Falta diversidade racial e de biotipos para gerar identificação nas mulheres diante das telas e isso gera um ciclo onde as jornalistas se sentem desmotivadas em tentar aparecer, principalmente, na TV. A vontade de aparecer e ocupar cargos de destaque em frente às câmeras acaba sendo subjugada diante de experiências constantes de rejeição mesmo que as profissionais possuam mais experiência, qualificação e preparação profissional para ocupar esses espaços. As entrevistadas destacam que, acima de tudo, ter uma aparência conforme o padrão de beleza é um fator crucial para conseguir um espaço na TV, relatando rejeições e a substituição por outras colegas consideradas "mais bonitas".

Uma colega da produção e eu estávamos um dia conversando e eu falei que eu gostava dessa questão de apresentação, do ser repórter, ela virou para mim e falou assim: ‘Ah, desiste. Apresentadora, só se for bonita, tem que ser mulher bonita. (J4, Imperatriz, 2022).

Os depoimentos das jornalistas negras de São Luís e Imperatriz deixam evidente que corpo é o principal instrumento de dominação, elemento sobre o qual as ofensas e opressões racistas – e sexistas – se desenvolvem (GOMES, 2002; 2003; 2017; KILOMBA, 2019). O corpo é, pois, construído e estruturado com base nos discursos dominantes e normativos que enquadram os sujeitos dentro de lógicas socialmente fabricadas. Para além das violências, as jornalistas também apontam aspectos de resistência e de confronto desenvolvidos através do corpo. A decisão de não modificar aspectos estéticos e corporais é uma das posturas relatadas pelas jornalistas e que mostram processos de desestabilização da lógica de vigilância, de controle e de exclusões, realizados socialmente e reproduzidos pelo mercado de trabalho jornalístico.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (LIMA et al., 2022, p. 209), o jornalismo em geral é exercido majoritariamente por “mulheres (58%), brancas (68%), solteiras (53%) e de até 40 anos”. Na amostra da pesquisa, as/os profissionais autodeclaradas/os negras/os correspondem a quase 30,0% (20,6% pardas/os e 9,3% pretas/os). E mesmo diante desse cenário, a mesma pesquisa aponta que a maioria dos cargos de chefia são ocupados por homens brancos (LIMA et al, 2022).

A pesquisa citada acima deixa explícito que as jornalistas mulheres conquistaram seus lugares dentro dos espaços de trabalho, entretanto, isso não significa que estão livres de obstáculos e tratamentos discriminatórios. Também não são elas que ocupam os cargos de poder e decisão, capazes de mudar as estruturas e narrativas racistas e sexistas. E quando nos referimos a jornalistas negras, minorias entre os cargos ocupados, é preciso considerar como o racismo e a vivência dentro de uma sociedade racista afeta o trabalho e existência dessas mulheres.

A ação de reduzir mulheres à sua aparência é comum e uma realidade presente não apenas no jornalismo. Porém, as mulheres que não se encontram dentro do padrão que predomina como aceitável socialmente, e almejável no jornalismo, são os primeiros alvos de comentários e piadas, sendo desconsideradas para promoções, oportunidades de apresentar vídeos, programas de tv e propagandas. Como foi constatado na nossa investigação, quando a raça é interseccionada ao gênero, fica perceptível que as mulheres negras, especialmente as de pele retinta, são as maiores vítimas de exclusões, piadas e assédios, dos colegas e chefes no trabalho.

14. REFERÊNCIAS

BANDEIRA, M. (Coord.). **Perfil Racial da Imprensa Brasileira**. Jornalistas & Cia; Portal dos Jornalistas; Instituto Corda/TMax, 2021.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

_____. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? In: **Rev. Bras. Educ.** no.21. Rio de Janeiro Sept./Dec. 2002.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Natal/RN - 08 a 10/05/2024

LIMA, S.P. et al. (Coord.). **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicação, 2022.

MAZOTTE, Natália; TOSTE, Verônica (Coords.). **Mulheres no Jornalismo Brasileiro**. Brasil: ABRAJI/Gênero e Número, 2019. Disponível em <https://www.mulheresnojornalismo.org.br/>. Acesso em 25 de março de 2024.